



A Criação é a vitória sobre o caos

(1ª Parte)

Rev. Paulo Rückert

Este mundo em que vivemos foi criado a partir do caos. “No princípio, criou Deus o céu e a terra. A terra era um caos informe; sobre a face do abismo, a treva. E o alento de Deus revoava sobre a face das águas” (Gn 1,1-2, Bíblia do Peregrino). O caos estava aí, sem um comunicado prévio. No relato de Gênesis, o mundo foi formado a partir do caos, que sempre de novo pode retornar, como aconteceu com o dilúvio, quando “se romperam as comportas do céu” (Gn 7,11). Abriram-se as comportas do reservatório de água que se encontra acima do céu.

Nós encontramos relatos da criação em Gênesis, nos Salmos, em Jó, nos Provérbios, em Isaías e em Jeremias. Todos os relatos mencionam o caos. São relatos que se complementam. Concluída a criação, ela é dotada de ordem e harmonia. Mesmo assim, o perigo continua presente, simbolizado pela serpente e pela possibilidade da desobediência. O caos sempre pode retornar, provocando desordem.

Os relatos nos Salmos, Jó, Provérbios, Isaías, Jeremias apresentam Deus lutando contra o caos e vencendo-o. Deus está dentro do processo. Esses textos são os mais antigos na articulação da fé dos hebreus. O ponto de partida é a observação do cotidiano: a vida é muito frágil e se encontra constantemente sob a ameaça da desintegração. Onde nasce um ser vivo, também está presente a possibilidade da doença e da morte.

A luta entre Deus e o caos é descrita mediante ilustrações. O Mar agitado,

revolto e misterioso torna-se um ícone para o caos. Nele se abrigam os monstros e as forças hostis. Observemos como é descrito o confronto: quando o Mar viu Deus, ele tremeu e suas ondas estremeceram (Sl 77,16). Deus reprimiu o Mar (Sl 65,7), amansando as ondas que se elevam (Sl 89,9-10). Deus é mais poderoso que o estrondo do Mar (Sl 93,4). Deus dividiu o Mar e quebrou as cabeças dos dragões (Sl 74,13) e também esmagou “as cabeças do Leviatã” (Sl 74,14): um monstro marinho com sete cabeças; um autêntico símbolo do caos. Deus luta e subjuga o caos (104,26), transpassando e destruindo Raabe, outro monstro primordial (Sl 89,10-11). Deus domina o monstro Behemot (Jó 40). Esses animais mitológicos, que designam o caos, também são uma referência às nações inimigas, quando formam oposição ao plano de Deus. O caos também pode ter uma dimensão política, estando presente nos conflitos entre as nações e nas artimanhas dos governantes. Também o Dragão é um ícone do caos. Ora, o Dragão só existe no imaginário das pessoas, mas está presente no inconsciente coletivo da humanidade como um símbolo. Aliás, a serpente, mencionada em Gn 3, representa o nefasto Dragão. Portanto, o caos continua existindo e a vitória de Deus não é definitiva. O caos é derrotado, mas não é eliminado; ele sempre pode retornar. O coronavírus, as epidemias e as catástrofes da natureza são um exemplo disso. Devemos estar sempre vigilantes.



O ser humano e o cuidado com a oikos (casa comum)

Revda. Maria Aparecida de Andrade Almeida

Desde que o ser humano foi criado sobre a terra existe uma relação e uma interação entre ele e a natureza. Usando de sua capacidade racional e pelo desenvolvimento tecnológico, tem modificado, deveras, a casa criada para habitar a vida (Oikos). Cada vez mais, o destino desta casa global está relacionado com as ações e as práticas humanas. Se, no paradigma moderno, pode-se afirmar que a terra é uma grandeza a ser dominada e explorada em favor dos seres humanos, dentro da visão do novo paradigma holístico ou ecológico, deve-se dizer que a terra é a casa comum de todos os seres vivos e do próprio Deus, e cada qual tem responsabilidade de cuidado para com ela. Neste amplo espaço, do qual, muitas vezes, não conseguimos visualizar a extensão, convivem e devem conviver, cada vez mais próximos, os mais distintos elementos e seres de toda a natureza e do cosmos.

O ser humano, diferente dos outros animais, foi criado dotado de inteligência. Recebeu de Deus Pai Criador a ordem de multiplicar, encher a terra e sujeitá-la e dominar sobre as demais criaturas (Gn 1.26-28). Esta ordem divina, porém, não significa um domínio total sobre as outras criaturas. A fé nos diz que Deus colocou o ser humano como “senhor” da sua casa, a casa global e o colocou profundamente ligado à terra e ao que nela vive. Ele foi modelado por Deus a partir do pó da terra. Há uma ligação intrínseca entre o adam e o adamah (“terra”, aquele que nasce da terra): “Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes ao solo, pois da terra foste formado; porque tu és pó e ao pó da terra retornarás!” (Sl 128.2).

O ser humano recebeu a vida do sopro divino com a responsabilidade de cuidar da terra como um jardineiro cuida de seu jardim (Gn 2.4b-7). Tornou-se o responsável por toda a vida e tudo que nela há: “Os céus são os céus do Senhor, mas a terra ele a deu aos seres humanos” (Sl 115.16). Mas o ser humano não é o dono da terra nem das criaturas criadas, pois todas as criaturas, pertencem ao Criador: “Ao Senhor pertence a terra e quanto ela contém, o mundo e quantos nela habitam” (Sl 24.1; Dt 10.14).

No Livro do Êxodo encontra-se um texto de lei que expressa da melhor forma a interação entre terra e o ser humano e o cuidado que este deve ter para com ela. Ei-lo: “E seis anos semearás a tua terra e recolherás a produção dela; e, no sétimo, tirarás a mão de cima dela e a deixarás por conta própria, e comerão os pobres do teu povo e o resto comerão os animais do campo; assim farás com a tua vinha e com o teu olival” (Êx 23.10-11).

No mito da Criação de Gênesis, o próprio Deus descansou no sétimo dia (shabat: dia do descanso) e parece ter deixado esse princípio para ser vivido pelos seres humanos. No descanso, a terra se restaura, o pobre e os animais se fartam e também os servos e os estrangeiros tomam alento. A lei do descanso aniquila as raízes da avareza, da ganância e do egoísmo e abre espaço para se pensar nos outros e nas suas necessidades. A ideia de que “a terra é do Senhor e tudo o que nela há”, mostra que o ser humano é apenas cuidador, administrador das coisas que Deus criou e lhe confiou.

A lei, porém, afirma que após um período de seis anos de trabalho, o sétimo ano deverá ser um ano de descanso para a terra. A terra recebe o direito de repousar. “O que usualmente se traduz por 'descansar' é expresso no original hebraico com o verbo shamat, que tem o significado de 'largar mão', 'deixar livre’”.

A violência contra a natureza repercute como violência contra as criaturas de nossa Oikos. Eis o que acontece em nossos dias, porque não cuidamos de nossa casa comum; não cuidamos dos nossos irmãos, principalmente, os mais empobrecidos; enfim, não cuidamos da criação de Deus. Diante dessa realidade de destruição e exploração da natureza, visando lucro e ganância, que acaba por afetar a todos (as), e conseqüentemente, a nossa casa comum (oikos), a pergunta que se faz é “Ser humano, ó ser humano! Por que destróis assim o teu mundo, destruindo-te a ti mesmo?”

Tragédias

Revda. Maria Luiza Rückert

Os relatos bíblicos mencionam tragédias ocasionadas pela natureza e também tragédias provocadas pelo ser humano.

O Antigo Testamento apresenta tragédias da natureza com a conotação de serem uma punição. O dilúvio tornou-se um paradigma, vindo em seguida a destruição de Sodoma. Também a seca é mencionada pelos profetas Elias, Jeremias, Ageu e Amós. O profeta Joel menciona uma praga de gafanhotos seguida de uma seca. Amós e Zacarias mencionam a ocorrência de um terremoto. Todas estas alterações climáticas são apresentadas como castigo de Deus. “Sucederá algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?” (Am 3,6). Vejamos também Js 2,10; Is 45,7.

Jesus viveu em obediência absoluta ao Pai. Ele sabia que até os nossos cabelos estão todos contados. A chuva cai sobre justos e injustos e o sol nasce sobre maus e bons. O trigo precisa se desenvolver em meio ao joio. Mas, quando ele foi confrontado com especulações, ele discerniu muito bem a dimensão imponderável e trágica desta existência e também o quanto influiu o livre arbítrio.

Jesus foi confrontado com uma tragédia, que foi provocada por Pilatos, quando mandou executar peregrinos galileus, que foram a Jerusalém para oferecer sacrifícios. Quando Pilatos saqueou o tesouro do templo para construir um aqueduto, os galileus resistiram. Diante da resistência, o interventor romano ordenou a chacina. Eles foram mortos durante o culto dos sacrifícios. E Pilatos misturou os sangue deles com o dos sacrifícios (Lc 13,1-5).

O texto é bastante conciso, o que nos leva a concluir que se trata de um episódio conhecido. Existem textos que devem ser entendidos a partir do que dizem e também a partir do que silenciam. Este é um deles.

Se os interlocutores de Jesus eram fariseus, é possível que eles quisessem insinuar que ele e seus discípulos poderiam ter a mesma morte que os galileus assassinados por Pilatos. Jesus mostra que todos os



habitantes de Jerusalém correm esse risco. Não são apenas os galileus que estão em perigo. A preocupação é devolvida aos interlocutores. Jesus não comenta a perversidade de Pilatos. Ele deve ter percebido a armadilha.

A morte desses galileus não está relacionada com eventuais pecados específicos. Não se trata de um castigo de Deus. Jesus rejeitou a visão simplista da doutrina da retribuição (os maus são castigados e os justos, recompensados).

As tragédias são um alerta: temos que contar com o imponderável, mas também temos que nos defrontar com a perversidade humana.

A doutrina da retribuição provoca insegurança e medo na pessoa: se acontece algo errado, a culpa é dela. Em meio a essa realidade brutal, Jesus nos exorta ao arrependimento e à conversão, que significam reconhecer nossa fragilidade e o quanto somos dependentes da misericórdia e da graça de Deus.

Jesus percebe aonde seus interlocutores querem chegar. Ele era um profundo conhecedor da natureza humana (Jo 2,25). E amplia a argumentação, citando o desabamento da torre de Siloé, ocasionando a morte de 18 galileus.

O texto apresenta duas calamidades: o uso do poder sem escrúpulos e o descaso na construção de uma obra resultando na morte dos operários.

Nós vivemos numa realidade constituída de muitos poderes. Um governante como Pilatos pode usar seu poder para o bem, mas também para a perversidade. Também hoje acontecem tragédias e acidentes de trabalho, ocasionados pela ganância e que poderiam ser evitados.

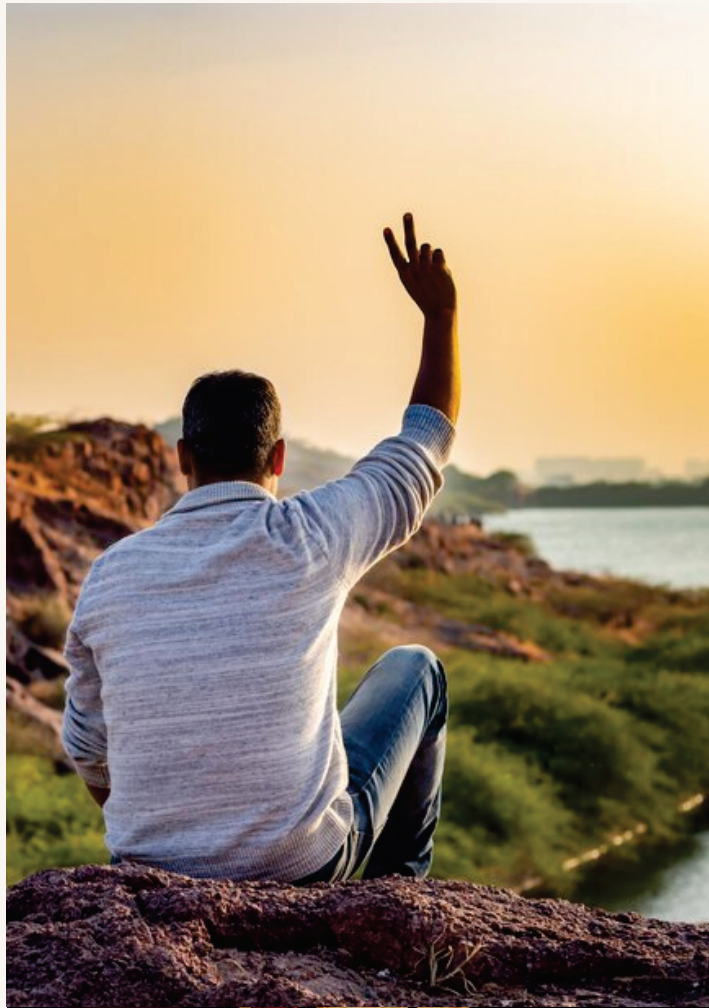
Os interlocutores de Jesus precisam se confrontar com uma advertência: podemos ser solidários com os que sofrem, mas também podemos adotar uma atitude de indiferença e soberba: “ainda bem que não aconteceu comigo”. Todos são culpados. A culpa não é gradual. É necessária a conversão.

Novos céus, nova terra?

Perspectivas de Deus

Rev. Manuel Miranda

Habitamos a parte da terra denominada de Novo Mundo, onde estão principalmente as três Américas, sendo a do Sul a mais prejudicada pelas investidas humanas de destruição, camufladas de colonização. O europeu foi o principal predador das riquezas dos povos originários. As grandes multinacionais contemporâneas convencem os predadores locais que é necessário enriquecer rápido e então dilapidam as florestas e os minerais da terra e dos rios, sem nenhum benefício para o povo e para as nações. E vão sangrando a terra e transformando seus ciclos naturais. Haverá esperança?



nessa direção em que o senhorio absoluto de Deus é a prerrogativa. Não o senhorio de uma religião, de uma filosofia, de uma política, de um projeto humano. Para a Igreja, um novo céu e uma nova terra só se constituirão verdadeira esperança se, a partir de dentro para fora, seus próprios predadores renunciarem à sanha de conquistas em que o outro é

Na perspectiva do Primeiro Isaías 9. 1-9, e do Terceiro Isaías 65. 17-25, haverá 'luz no fim do túnel'. 2Pedro 3. 13 corrobora na esperança de novos céus e nova terra, já dentro da perspectiva cristã. Isaías imagina uma terra sem males, onde até os bichos alteram sua natureza e convivem harmoniosamente com suas antigas presas. E, na visão de Patmos, registrada em Apocalipse 21. 1, a restauração definitiva de toda a Criação é vista como novos céus e nova terra. É esta a perspectiva de Deus para a sua Criação toda? Os seres humanos também abandonariam sua fome de riquezas e domínio, de predadores uns dos outros e se tornariam como os bichos registrados por Isaías, numa radical mudança de mente, como apregoa Romanos 12. 1-2?

Todas essas perspectivas estão hoje sob a guarda da Igreja cristã. De nenhuma outra instância humana se pedirão ações

vítima. Desejará a Igreja realizar essa missão ou continuará a dar seu aval, sua adesão aos políticos de plantão e às ideologias escravizadoras de seus filhos e filhas? Os poderosos de ontem como os de hoje educam seus filhos para dominar: serão os grandes empresários, os governantes, ocuparão as melhores posições nas áreas de decisão do país. Suas escolas são preparadas para isso; sua mídia tem essa função, a de convencimento de que esse é o caminho verdadeiro da prosperidade e da paz. O pior dos convencimentos é o espiritual, de que a pobreza é da vontade de Deus e que Deus abençoa os poderosos com mais riqueza e mais poder. Assim, os mais pobres da terra são os cooperadores dos predadores vorazes, a ponto de incentivarem a voracidade até entre eles mesmos.

Pela fé em Cristo, sabemos que Deus realizará a obra de restauração de sua Criação; por isso não vivemos desesperados nem alienados, pois compreendemos que Deus nos pede irrestrita colaboração, diária e constante, na vinda do seu Reino em plenitude, cujo ato principal já nos foi revelado na cruz e no sepulcro vazio.



IDE E ANUNCIAI
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

EXPEDIENTE: O Ide e Anunciai é uma publicação da Secretaria de Educação Cristã da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. Equipe Responsável: Revda. Maria Luiza Rückert (coordenadora), Rev. Manoel Miranda e Rev. Paulo Rückert. Colaboradora: Revda. Cida Almeida. Diagramação e arte final: Davi Melo.



MENSAGENS DE LEITORES

Escreva-nos contando suas impressões sobre este boletim. Sua opinião é muito importante para a continuidade e o aperfeiçoamento deste trabalho: maria.luiza.ruckert@gmail.com